

**AMIZADE E CORRESPONDÊNCIA EM ELISABETH BISHOP:
UMA ESCRITA ETOPOÉTICA?**

Josinete Lopes de Souza

*“Acho que escrevo poesia mais não escrevendo do que escrevendo”
(Elisabeth Bishop)*

Desde o primeiro contato com a escrita da poeta Elisabeth Bishop através da leitura de uma coletânea de sua correspondência¹, ainda em 1998, chamou-me especialmente a atenção o cuidado permanente que ela dedica aos laços de amizade cultivados desde sua juventude, no final da década de 20, até 1979, ano de sua morte. Nas suas cartas é possível perceber, mesmo nas mais espontâneas, uma atitude de extrema polidez, cortesia e até mesmo contenção impressionantes.

Autora de uma obra reconhecidamente concisa, contida e perfeccionista, que Robert Lowell definiu e imortalizou em seu poema *“For Elisabeth Bishop 4”*: *“Do/ you still hang your words in air, ten years/ unfinished, glued to you notice board, with gaps/ or empties for the unimaginable phrase –/ unerring Muse who makes the casual perfect?”*², Elisabeth foi, por outro lado, autora de uma intensa e profícua correspondência (cerca de alguns milhares de cartas) que manteve com os amigos e correspondentes durante toda a sua vida. Em sua correspondência é possível perceber uma arte da epistolografia “que ela praticou de modo mais espontâneo e mais prolífico do que a da poesia”³.

Na verdade, Elisabeth Bishop tinha um especial interesse pela leitura de cartas, como demonstra as dezenas de coletânea de carta existente em sua biblioteca e chegou a ministrar um curso sobre a arte da epistolografia em Havard em 1972, intitulado “Leitura de correspondência pessoais, famosas e infames, do século XVI ao século XX”.⁴ Em uma de suas cartas a uma amiga comenta o interesse em trabalhar não apenas com cartas literárias ou formais *“mas também com cartas humanas e eloqüentes (talvez até de semi-analfabetas)”*. Em outra carta ela confessa o antigo hábito (depois abandonado) de recolher cartas que encontrava na rua, em cima de latas de lixo, etc.⁵

Penso que a dedicação que Elisabeth Bishop dispensa a sua correspondência vai muito além da necessidade de manter aquecidos os laços de amizade e funciona também como um exercício para a sua criação poética, onde ela muitas vezes parece “anunciar” ou “intuir” um poema ou ainda compartilhar suas incertezas e inquietações sobre algo que estivesse escrevendo ou pensando em escrever. Numa carta a uma amiga íntima, Ilse Barker ela parece ter uma clara consciência da importância que a escrita de suas cartas tem sobre sua produção poética: “tenho pena das pessoas que não conseguem escrever cartas. Mas desconfio também que eu e você, Ilse, adoramos escrever cartas porque é como trabalhar sem estar de fato trabalhando”.⁶

Muito embora uma análise de sua correspondência sob esse aspecto pareça tentadora, a reflexão que proponho neste trabalho caminha num outro sentido. A intenção aqui é tematizar a amizade, tal como é vivenciada por Elisabeth Bishop, enquanto prática transgressora, enquanto alternativa às formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas. Essa abordagem se inspira nas reflexões de Ortega sobre Amizade e estética da existência em Foucault. Segundo Ortega, Foucault atribui um elemento transgressivo à amizade em relação às formas institucionalizadas e socialmente permitidas de sociabilidade.⁷

Ainda no rastro das reflexões desenvolvidas por Ortega, pretendo problematizar a correspondência de Bishop enquanto uma escrita etopoética, não da forma que foi praticada na Antigüidade, mas da forma como Foucault a atualiza em suas reflexões filosóficas – como um exercício de auto-constituição ou auto-transformação, relacionada a uma concepção (também atualizada) da filosofia como arte de vida e práxis estilística.⁸

Ao contrário de Robert Giroux, ao afirmar que: “Num certo sentido, suas cartas constituem sua autobiografia, ainda que não fosse esta sua intenção ao escrevê-las: não estava registrando sua vida, mas apenas mantendo o contato com seus amigos e correspondentes”⁹, acredito que a correspondência de Elisabeth Bishop significa muito mais do que uma forma de manter o contato como os amigos e correspondentes ou ainda uma

pretensa autobiografia. Penso tratar-se antes de um exercício de autoconstituição onde se fundem sua vida e sua obra, no sentido de uma estética da existência, que ela parece ter perseguido ao longo de sua existência.

Assim, a reflexão proposta neste trabalho caminha no sentido de dar corpo a uma intuição que se manifestou desde a primeira leitura que fiz de suas cartas e que só agora, inspirada pelas reflexões de Ortega, é possível esboçá-la. Aliás, este trabalho não deve ser entendido mais do que um esboço, onde a intuição, inspiração e provocação orientam o diálogo, ainda muito limitado, entre a correspondência de Bishop e a bibliografia sobre o tema da amizade.

Curiosamente em um dos contos de Elisabeth Bishop encontro a exata expressão da sensação de estar problematizando um tema ainda tão obscuro para mim:

Para mim é impossível tirar conclusões ou mesmo resumir. Quando tento, fico confusa, e tenho uma visão subliminar de um M maiúsculo multiplicando-se. Vejo-me virando as páginas de um manuscrito iluminado e encontrando aquela inicial por toda parte: o monograma de Marianne; mãe, maneiras; moral, e dou por mim murmurando: “maneiras e moral; maneiras em forma de moral? Ou será moral em forma de maneiras? Já que eu, tal como Alice caindo na toca do coelho, ‘meio sonolenta’, não consigo responder a nenhuma das duas perguntas, a formulação exata não faz muita diferença, mas a coisa parece fazer sentido.”¹⁰

Amizade e correspondência: Por uma estética da existência

“Quando você escrever meu epitáfio, não deixe de dizer que fui a pessoa mais solitária que jamais viveu”¹¹ Nesta frase dita em tom de graça – porém com muita sinceridade – ao amigo e poeta Robert Lowell no verão de 1948 (e que ele recorda numa carta enviada a ela em 1957), Bishop traduziu com perfeição seu modo de ser no mundo, que ela aprendeu a cultivar desde muito cedo.

Reconhecidamente dona de uma inteligência aguçada e de uma obra genial “a vida inteira de modo instintivo e modesto, ela representou o papel de uma mulher simples”, observou o poeta e amigo, James Merrill, numa homenagem póstuma. Simplicidade, reserva, polidez, espirtuosidade, contenção são algumas palavras geralmente usada pelos

amigos de Elisabeth Bishop para definir tanto a sua obra, quanto a sua relação com eles. Numa vida profundamente marcada por perdas, Elisabeth jamais permitiu qualquer sinal de autocomiseração em sua obra, na vilaneta “One Art” ela observa que “The art of losing isn’t hard to master”¹² .

As viagens e as constantes mudanças que sempre fizeram parte de sua vida, primeiro por opção, depois por necessidade, fez com que ela definisse assim sua existência: “É verdade, vivi e agi toda a minha vida como aquele maçarico sempre correndo pelas bordas de países diferentes, ‘procurando algo’”. Seria talvez a busca de uma vida como arte?

Ao longo de sua vida, morou por períodos relativamente curtos (com exceção do período de quinze anos que viveu no Brasil) em muitos lugares diferentes, além das muitas viagens, permeadas de temporadas mais ou menos curtas, em outra infinidade de lugares. Essa facilidade de desprender-se dos lugares contrasta profundamente com a sua capacidade de manter intensas as relações com os amigos, muitos dos quais só encontrava ocasionalmente durante alguma viagem ou quando estes a visitavam nos lugares onde morou. Desse modo, Bishop fez da amizade um verdadeiro estilo de vida, no sentido de uma tarefa constante de auto-constituição, na qual a correspondência exerceu um papel fundamental.

Desde cedo Elisabeth recusa a possibilidade de uma vida constituída em torno do casamento e de uma família tradicionais. Logo após sua formatura em 1934 ela havia resolvido morar num modesto apartamento em New York com a amiga Margareth Miller, pois segundo ela precisava de um lugar “em que de dia se possa trabalhar sem interrupções, e ao mesmo tempo as noites sejam divertidas ... Eu gostaria de ter acesso a uma biblioteca”¹³.

O desejo de um lugar tranqüilo para escrever e uma vida social divertida, que podemos entender, principalmente, como a possibilidade de estar com os amigos, parece ser uma das suas maiores ambições, desde muito cedo. Em suas cartas, ela nunca deixa de

mencionar o prazer que esses encontros lhe proporcionam, chegando a fazer, muitas vezes, relatos minuciosos, como se estivesse revivendo a satisfação que lhe causavam esses encontros.

Nessa convivência com os amigos, Bishop sempre recusou uma sociabilidade pautada pela “tirania da intimidade” que, de acordo com Sennett, caracteriza a sociedade moderna contemporânea, na medida em que “transforma todas as categorias políticas em psicológicas e mede a autenticidade de uma relação social em virtude de sua capacidade de reproduzir as necessidades íntimas e psicológicas dos indivíduos envolvidos”.¹⁴

Ao invés disso, Elisabeth parece cultivar um “*ethos* da distância”, baseado num sofisticado padrão de civilidade, polidez, cortesia e hospitalidade. O “desnudamento emocional”, que ela considerava degradante na literatura moderna, como tantas vezes mencionou em suas cartas, era igualmente rejeitado no relacionamento com os amigos.

No conjunto de sua correspondência, Elisabeth raramente faz menção a qualquer assunto relacionado a sua vida mais íntima e pessoal. Quando sua mãe morreu em 1934, numa carta à amiga Frani Blough, ela simplesmente diz: “Acho que devo lhe contar que mamãe morreu faz uma semana. Depois de dezoito anos [de internação], é claro, foi a melhor coisa que poderia acontecer”¹⁵. Do mesmo modo, nas raras vezes em que partilhava com algum amigo acontecimentos íntimos e pessoais ela o fazia com uma relativa contenção.

Geralmente, Bishop só falava de seus problemas pessoais, medos e inseguranças com sua médica e amiga Anny Baumann, provavelmente mais devido ao fato dela ser sua médica. As cartas a Anny Baumann são praticamente as únicas em que Bishop expõe sua intimidade, mesmo assim não deixa de recomendar uma certa “desatenção” a esses “espetáculos deploráveis de autocomiseração” como ela mesma costumava enfatizar.

Narrativas desse tipo são realmente escassas no conjunto de sua correspondência. Os assuntos que mais lhe interessa compartilhar com os amigos são, em grande parte, a produção literária de cada um deles, a sua própria produção literária e leituras, suas

descobertas e impressões de viagem e dos lugares onde morava – detendo-se particularmente na descrição da paisagem, das pessoas e seus hábitos, crianças e animais –, as “turbulências políticas” do seu tempo. Ou seja, ela procura deter-se na “esfera dos assuntos humanos”. Essa correspondência parece funcionar ainda como um esforço no sentido de reter e dar expressão às sensações e impressões que experimenta quotidianamente e que vai transformando em poesia.

Mais interessada em compartilhar o mundo ao seu redor ou a “esfera dos assuntos humanos”, Elisabeth recusa uma escrita narcisística e psicológica, centrada em “seus mais profundos sentimentos” ou algo parecido. Nesse sentido, a sua escrita aponta para uma sociabilidade voltada para o mundo, onde a constituição de uma ética da amizade, inclui um constante cuidado com o cultivo da cortesia, o respeito pela diferença, pluralidade e alteridade na relação com o outro, num esforço em cultivar um certo *ethos* da distância, da solidão e do silêncio.

Numa longa carta enviada a Robert Lowell, na qual Elisabeth exprime algumas críticas ao seu livro *The dolphin*, é um dos exemplos mais eloqüente e bem acabado dessa ética da amizade, tal como é vivenciada por ela.¹⁶

Podemos perceber não somente nessa carta, mas em várias outras em que ela discute o trabalho dos amigos, uma ética da amizade pautada numa “relação agonística”, que Foucault define como “*relações livres que apontam para a incitação recíproca e não para a submissão do outro*”¹⁷.

Claro que esse movimento agonístico, em Bishop, não se dá de forma tão consciente e objetiva, como o reconstituímos aqui. Antes a elaboração dessa ética da amizade parece ser, para ela, algo muito mais intuitivo e apreendido na convivência que estabelece com a literatura, com os amigos (a convivência com Marianne Moore é fundamental nesse sentido), com as pessoas em geral ao longo de sua vida. Ou seja, algo que ela constitui para si a partir de uma relação atenta com o mundo exterior, “com o outro”.

Do mesmo modo, muitas cartas testemunham o hábito que ela tinha de submeter seus textos à apreciação dos amigos, não em busca do elogio fácil, mas da provocação, como forma de aperfeiçoar seu trabalho, que, para ela, significava também um aperfeiçoamento de si, configurando, assim, aquilo que Foucault denominará de atividade etopoética da escrita: escreve-se para autotransformar-se.

O hábito de compartilhar com os amigos seus textos e se debruçar atenciosamente sobre as críticas que eles lhe formulam parece estar intimamente relacionado a uma concepção de arte enquanto expressão de exterioridade, com uma clara função social e política, que recusa obstinadamente sua redução à expressão de uma interioridade psicológica, ou seja, uma “psicologização da subjetividade”. Essa compreensão já está presente em Bishop desde o início da sua carreira e permanece como um ideal estético até o fim da sua vida.

Uma carta do século XIX, de Gerard Manley HopKins a Robert Bridges, a respeito do ideal de “poeta” ou do “artista” em oposição ao “cavalheiro” e que Elisabeth cita no conto “Esforços do afeto: Memória de Marianne Moore”, nos aproxima um pouco mais da compreensão que ela tinha dessa existência civilizada e estilizada que procurava constituir para si:

Na verdade, os poetas e artistas não são, lamento dizê-lo, de modo algum, necessariamente, nem mesmo geralmente, cavalheiros. Pois um cavalheiro não se presta à concupiscência nem a outras vilezas, nem [...] assume ares de superioridade nem afetações, nem faz outras coisas que encontramos nas obras modernas. [...] Se um artista ou pensador pensa que, agindo de tal maneira, ele haveria de tornar-se grande, mesmo assim ele continuaria essencialmente inferior a um cavalheiro que não fosse artista nem pensador. E no entanto ser cavalheiro está apenas na fronteira da moralidade, e é mais uma questão de boas maneiras do que de moral propriamente dita. Nesse caso, como não se ser inferiores a arte, a filosofia, as boas maneiras, a civilidade e tudo mais no mundo ao menor grau de virtude verdadeira! Refiro-me à castidade mental que parece residir no âmago mais íntimo de todo o bem e constituir sua verdadeira mãe, que permite apreender de imediato o que é melhor, e, atendo-se a ele, não permitir que mais nada, seja o que for, sequer argumente em sentido contrário. [...] Afirmo; pois, e com veemência, que um cavalheiro [...] tem o direito de desprezar o poeta, seja este Dante ou Shakespeare e o pintor, seja este Miguel Ângelo ou Apelas, se o poeta ou pintor demonstrar de algum modo que não é cavalheiro. Tem o direito de fazê-lo, mas, se é de fato um cavalheiro, ele provavelmente não o fará.¹⁸

Bishop resume numa frase a compreensão que ela faz desse ideal de civilidade: “Ser poeta não era o objetivo último da existência”. Toda a sua correspondência revela um

cuidado em constituir um relacionamento ético e estético consigo mesma, com sua obra e com “o outro”. Desse modo, tanto a amizade como a correspondência – enquanto escrita e como leitura – em Elisabeth Bishop, parecem recusar uma subjetividade moderna, centrada na autenticidade do sujeito e na exposição narcisística desse “eu-autêntico”, que reina cada vez mais soberano em nossos dias. De uma forma transgressora, mesmo que intuitiva, sua escrita nos fala da possibilidade de uma subjetivação estética na qual a amizade assume a tarefa de constituir uma nova sensibilidade política frente ao mundo que nos cerca.

¹ *Uma arte: As cartas de Elisabeth Bishop*. (Abreviado UA). Seleção e organização (edição americana) Robert Giroux: seleção e organização (a partir da edição americana) Carlos Eduardo Lins da Silva, João Moreira Salles: Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

² “Ainda/ penduras tuas palavras no ar por dez anos/ inacabadas, coladas no teu quadro de avisos, com lacunas/ ou vazios para a expressão inconcebível-/ Musa infalível que torna perfeito o aleatório?” R. Giroux. “Introdução”. *Esforços do afeto e outras histórias*. (Abreviado EA). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 20.

³ Cf. R. Giroux. UA, p.23.

⁴ *Ibidem*, p.7.

⁵ Elisabeth Bishop. “A May Swenson”. 26/12/1952. UA, p.704.

⁶ Cf. R. Giroux. UA, p.7.

⁷ Ortega, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: 1999, pp. 157-158.

⁸ *Ibidem.*, pp. 56-58. Ortega chama atenção para a influência das reflexões de Pierre Hadot acerca da atualização da definição de filosofia como “exercício espiritual, como forma e estilo de existência”, que inspira Foucault.

⁹ R. Giroux. UA, p. 6.

¹⁰ Elisabeth Bishop. “Esforços do afeto: memória de Marianne Moore” In: EA., p. 184. Nesse texto escrito entre 1969 e 1979, Bishop recorda sua relação com a amiga e também poeta Marianne Moore, falecida em 1972. Nessa passagem ela está se referindo ao meticuloso sistema ético da amiga, nunca explicitado ou revelado por completo e que, às vezes, lhe deixava perplexa e encantada.

¹¹ Carta de Robert Lowell a Elisabeth Bishop em 15/05/57. In: UA., p. 367.

¹² A arte de perder não é difícil de aprender.

¹³ Elisabeth Bishop. “A Frani Blough”. 1^o/04/1934. UA., p. 32. “Frani Blough conheceu E. B., em 1927, em Walnut Hill, um colégio interno em Massachusetts, onde estava um ano à frente de E.B. Frani depois estudou no Vassar College, para onde E.B. foi também um ano depois. Permaneceram amigas pelo resto da vida.”. (NC)

¹⁴ Cf. Francisco Ortega. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro Relume Dumará, 2000, pp. 109-110.

¹⁵ Elisabeth Bishop. “A Frani Blough”. 04/06/1934. UA., p. 36.

¹⁶ *Ibidem*. “A Robert Lowell”. 21/03/1972, pp. 627-630.

¹⁷ Ortega, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*, pp. 168-169.

¹⁸ Cf. Elisabeth Bishop In: EA., pp. 183-184. Os intervalos que aparecem nessa citação são da própria E.B.